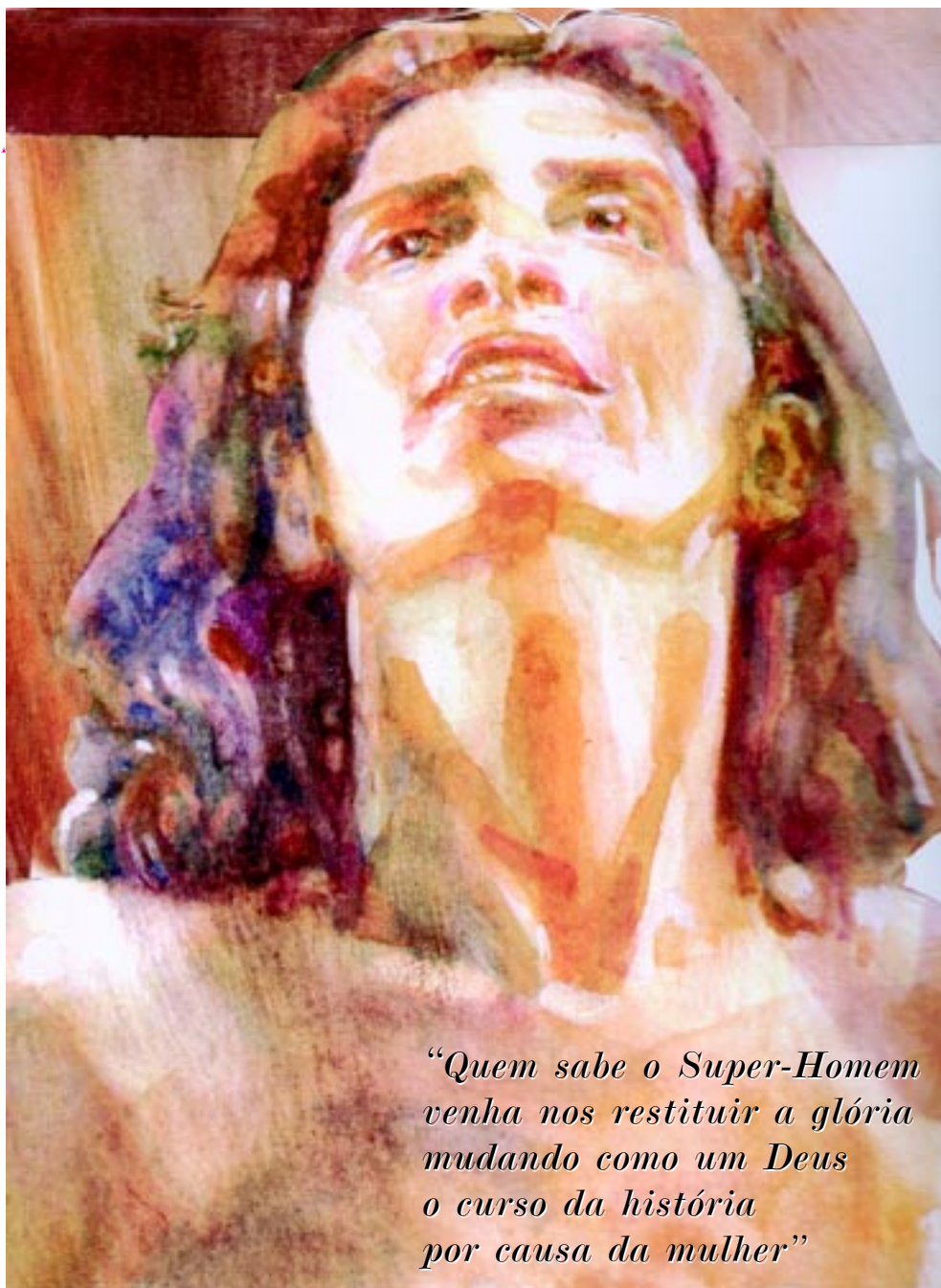


Pelo fim da violência contra a mulher



“Quem sabe o Super-Homem venha nos restituir a glória mudando como um Deus o curso da história por causa da mulher”

De comentários machistas ao assassinato, a mulher continua sendo alvo dos mais diversos tipos de violência. Dentro de casa, na família, no trabalho - quando tem igual função mas recebe salário menor que o homem - em seu patrimônio, a mulher tem seus direitos desrespeitados todos os dias, em todos os lugares do mundo. Para mostrar que os direitos da mulher são direitos humanos e que a violência contra ela é uma violação desses direitos, desde 1991 acontece a Campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra as Mulheres, de 25 de novembro a 10 de dezembro. No Brasil, a campanha engloba o dia 20/11, Dia da Consciência Negra; o dia 1º de dezembro, Dia de Luta contra a Aids; o dia 6 de dezembro, o massacre de mulheres de Montreal, que marca a Campanha Mundial do Laço Branco (homens pelo fim da violência); e o dia 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos.

VEJA NESTA EDIÇÃO

A violência causa doenças físicas e psíquicas que podem até matar

2

Agressão doméstica é causa da maioria dos atendimentos no Ceav

3

Mulheres negras e pobres são as principais vítimas de maus-tratos

4

A violência adoecce o corpo e a mente

Sob o estresse da brutalidade, a mulher acaba adquirindo doenças ou tendo agravado o quadro de enfermidades crônicas

A mulher que sofre violência fica doente. A instalação da enfermidade varia de forma e tempo. A doença advém do constante estresse a que estão submetidas as mulheres vítimas da violência. A doença se manifesta de forma real, e muitas vezes, mortal. Estudos demonstram que mulheres violentadas física e psiquicamente desenvolvem transtornos

de apetite e sono, fadiga, déficit de atenção, disfunção sexual, dores abdominais e gastrointestinais, problemas ginecológicos, LER/Dort, entre outros.

Doenças classificadas como crônicas pioram ou são precariamente controladas em mulheres que sofrem violência - asma, epilepsia, diabetes, artrites, hipertensão e doenças do coração. Além disso, a mulher muitas vezes é impedida de se cuidar quando convive com um parceiro violento - ele a impede de ter acesso a cuidados médicos de rotina e de emergência, a proíbe de obter ou usar medicamentos e de dar prosseguimento a tratamentos médicos.

Aids: violência dissemina a doença

Quase metade dos 37,2 milhões de adultos que vivem com HIV/aids no mundo hoje são do sexo feminino. Por esse motivo, o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) instituiu as mulheres de todas as idades como foco central para a mobilização do Dia Mundial (1º de dezembro), deste ano. No Brasil, essa tendência se confirma. No período inicial da epidemia, na década de 80, para cada caso de aids em mulher, eram registrados 16 casos em homens. Atualmente, esta razão já está em 2 casos em homens para cada caso em mulher no país. No Espírito Santo, entre 1999 e 2004, na faixa etária entre 13 e 29 anos, a incidência de Aids entre as mulheres aumentou 40,8% em relação aos homens. Negociar

sexo seguro com o parceiro ou um estranho é muito difícil para a mulher - quando existe violência e medo na relação, essa negociação fica ainda mais difícil.

No mundo, uma epidemia de casos de violência contra mulheres está alimentando a disseminação da aids, segundo denúncia feita em novembro pela Anistia Internacional. Os estupros em massa e a violência sexual que acompanham os conflitos armados, somados ao colapso dos sistemas de saúde especialmente dos países pobres, aumentam em muito as chances de as mulheres contraírem o vírus HIV, segundo a Anistia - "se os governantes desejam realmente combater a doença, então devem enfrentar outra epidemia generalizada: a violência contra as mulheres."

NÚMEROS DA AIDS

BRASIL - Total de casos (1980-novembro/2004) - 362.364

Aumento de casos entre as mulheres (2003-2004) 16%

ESPÍRITO SANTO - Total de casos (1985-setembro 2004) - 4.025

Aumento entre mulheres com idade entre 13 e 29 anos (1999-2004) 40,8%

No mundo são 39,4 milhões de infectados, entre adultos e crianças

Mulher: exija sexo seguro, exija camisinha



“A mulher que sofre violência doméstica precisa rever sua história de vida”

Segundo Bernadete Baltazar, coordenadora do Centro de Atendimento às Vítimas de Violência (Ceav/ES), 55% dos atendimentos são desse tipo de violência

Você convive no Ceav com a violência praticada contra a mulher dentro de casa, diariamente. O que mais te choca?

Depois de três anos atuando com o problema, diria que entre os desafios, e não mais choque, está o de diminuir o nível de desinformação das mulheres. Geralmente elas não conhecem seus direitos. Outro ponto é fazer com que as mulheres dêem continuidade ao procedimento, já que a grande maioria desiste de levar adiante suas denúncias contra o agressor. É todo um esforço em compreender por que elas não dão continuidade às ações quando começam a compreender a situação de violência. As pessoas associam muito à idéia que mulher que sofre violência “gosta de apanhar”, que é “mulher de vagabundo”, entre outros preconceitos.

Qual a razão da dificuldade da mulher sair da situação de violência?

Existe todo um histórico cultural colocado no sentido de que as mulheres são educadas para serem boas mães, boas esposas, aquelas que devem se submeter à figura do homem. Além disso, na grande maioria dos casos, a família não dá nenhum apoio a essa mulher para que ela possa sair da condição de violência - “dê mais uma chance para ele; ele vai mudar, não acabe com o seu casamento; como vão ficar seus filhos?”, são alguns dos apelos feitos à mulher violentada.

Somado a isso, está a dificuldade da mulher de se ver como indivíduo e de rever sua história de vida, de definir “minha responsabilidade” na manutenção desta situação. Acontece frequen-

te da mulher sair de um casamento, ir para outro e viver a mesma história. O desafio é contribuir fazendo com que esta mulher se veja sujeito capaz de mudar o rumo de sua vida, buscar outro caminho, viver como sujeito que não tem por que se submeter de maneira contínua à situação de violência.

“Na classe baixa a violência é pública: a surra começa em casa e termina na rua”

Essa é uma realidade que atinge todas as classes sociais?

Quando você não está acostumado a lidar com o que falei agora, parece que esse universo é muito restrito, mas não é. É um fenômeno que está presente nas classes média, baixa e alta. A diferença é que na classe baixa a surra começa em casa e termina na rua ou vice-versa. O problema é público. Nas outras classes sociais a violência acontece dentro de quatro paredes.

Vocês trabalham com os agressores?

Não, mas é outro desafio que se coloca. É necessário fazer um trabalho com estas pessoas porque, via de regra, o discurso é sempre o mesmo: “é minha mulher; é minha filha; é meu, então qual é o problema?”. O agressor, muitas vezes, não se dá conta que aquilo que ele está fazendo é um crime que precisa ser punido. Se ele se separa, lá na frente ele se casa de novo e pratica a mesma violência com uma mulher que também já sofreu violência. Romper este ciclo é muito complicado, pois é uma mudança muito grande de mentalidade e de cultura, de se compreender como ser humano.

Qual o papel do Ceav neste

“ciclo de violência doméstica?”

Algumas vezes nos deparamos com situações positivas, com situações que dizemos “poxa, ela conseguiu se dar conta de que consegue fazer diferente”. O Ceav não faz atendimento individual. Ele orienta e encaminha, dando todo o suporte para que a mulher tome a sua decisão.

Outro dia recebemos um caso interessante, em que uma senhora casada há mais de 20 anos e sofrendo igual período de violência chegou aqui muito preocupada porque haviam lido na delegacia que ela precisava de 3 boletins de ocorrência para registrar queixa contra o marido. Indignada, ela inquiriu a policial: “Minha filha, apanhei durante 20 anos e só agora tive coragem de fazer meu primeiro boletim de ocorrência. Quantos anos ainda terei que apanhar para fazer os outros?” É muito bom quando vemos mulheres decidindo sair da condição de violência.

“É difícil para a mulher que sofre violência se ver como indivíduo”

No Ceav, as mulheres que sofrem violência encontram pessoas que as ouvem, e entendem o que elas dizem. Elas se sentem acolhidas, sem que tenhamos que passar a mão na cabeça,

de fazê-las de vítimas. Mostramos as alternativas e a decisão é da mulher. Quando ela decide levar a denúncia adiante muitas vezes a barreira é a Justiça. Muitas vezes vemos a mulher com garra de tomar um novo caminho, mas as decisões judiciais favorecem o agressor, fatos que não dependem da gente. Certa vez, tentamos colocar um caso como tentativa de homicídio e a autoridade disse que “o dano foi apenas estético”. É o máximo do ridículo.

Mulheres negras e pobres são as que mais sofrem violência

Mulheres de todo o mundo são atingidas pelo problema, que desafia soluções a curto prazo. A cada hora uma mulher é assassinada no mundo e uma, em cada 10, é vítima de estupro



A violência contra a mulher acontece especialmente dentro de casa, no trabalho e nos órgãos prestadores de serviços públicos. A violência sofrida pelas mulheres no lar é responsável por 1 em cada 5 dias de falta ao trabalho no mundo. Ela também é a causa da perda de 1 ano de vida saudável, a cada 5 anos vividos pela mulher. A violência doméstica vem através da ameaça, da difamação, do estupro e dos socos,

tapas e pontapés. No Brasil, os gastos com essa violência chegam a mais de 160 bilhões de reais por ano.

Estudos também demonstram que a violência é praticada especialmente contra mulheres negras e pobres. Nos Estados Unidos, a taxa de homicídios para mulheres negras é de 12,3 para cada 100 mil assassinatos, enquanto para mulheres brancas esta taxa é de 2,9. Naquele país, as mulheres negras com idade entre 16 e 24 anos têm três vezes mais probabilidade de serem estupradas que as mulheres brancas.

Para a professora Sílvia Pimentel, da PUC de São Paulo, “as mulheres estão conscientes de que o desequilíbrio de poder na questão de gênero é o fator responsável pela opressão e subalternidade da grande maioria das mulheres no mundo”. Só que, muitas vezes, não podem fazer nada para mudar a situação, seja por barreiras culturais, financeiras, afetivas, entre outras. Sílvia diz ainda que “não há direitos humanos sem a plena observância dos direitos das mulheres. Não há direitos humanos sem que a metade da população mundial exerça, em igualdade de condições, seus direitos mais fundamentais”.

Fontes das gravuras e dados: *Calendário Campanha Pelo Fim da Violência Contra as Mulheres, CUT, site do Ministério da Saúde, site Terra, Secretaria Estadual de Saúde, Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), Centro de Atendimento às Vítimas de Violência (Ceav/ES)*

Mulher
CULT.

Nossas dicas no mês da Campanha dos 16 dias de Combate à Violência Contra a Mulher vem através de filmes e livros. Como filmes sugerimos

“Que bom te ver viva”, “Thelma e Louise” e “Lanternas Vermelhas”.

Nos livros, “Mulher e Trabalho - experiência de ação afirmativa”, de Dídice Delgado, Paola Cappelin e Vera Soares; “A mulher no terceiro milênio” e “Memórias de uma mulher impossível”, de Rose Marie Muraro; “Gênero e Trabalho na sociologia latino-americana”, de Laís Abramo e Alice Abreu; e “Mulheres Públicas”, de Michelle Perrot.

Mulheres
antenas



Envie suas sugestões, poesias e comentários para o

Mulher24Horas pelo e-mail mulher24horas@bancarios-es.org.br ou pelo telefone

3223-1477 - ramal 220

End: rua Wilson Freitas, 93, Centro, Vitória/ES - CEP 29016-340